

ENTRE VERSOS E MEMÓRIAS: A CIDADE EM OS *TELHADOS*, DE JOSÉ CHAGAS E *LITANIA DA VELHA*, DE ARLETE NOGUEIRA

BETWEEN VERSES AND MEMORIES: THE CITY IN OS *TELHADOS*, BY JOSÉ CHAGAS, AND *LITANIA DA VELHA*, BY ARLETE NOGUEIRA

Recebido: 21/02/2022

Aprovado: 30/06/2022
DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2737

Publicado: 28/07/2022

Gabriela Lages Veloso¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6168-1706>

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8043-6052>

Resumo: A cidade figura como cenário, tanto nas construções poéticas quanto nas ficcionais, desde o advento da modernidade até à literatura contemporânea. Dentre os diversos tratamentos dados à cidade na literatura, sobressai-se a memória. Nesse sentido, o principal objetivo deste artigo é propor um diálogo entre as obras *Os telhados* (1999), de José Chagas e *Litania da velha* (1995), de Arlete Nogueira, a fim de investigar a intrínseca relação entre cidade e memória, tal como foram representadas nesses textos poéticos. Para tanto, utilizaremos como contribuição teórica os estudos de Ferreira (2004); Furtado (2002); Lefebvre (2001); Pesavento (2007); Santos (2011), entre outros.

Palavras-chave: Cidade. Memória. Estudo comparado.

Abstract: The city appears as a scenario, both in poetic and fictional constructions, from the advent of modernity to contemporary literature. Among the various treatments given to the city in literature, memory stands out. In this sense, the main objective of this article is to propose a dialogue between the works *Os telhados* (1999), by José Chagas, and *Litania da velha* (1995), by Arlete Nogueira, in order to investigate the intrinsic relationship between city and memory, as represented in these poetic texts. To do so, we will use as theoretical contribution the studies of Ferreira (2004); Furtado (2002); Lefebvre (2001); Pesavento (2007); Santos (2011), among others.

Keywords: City. Memory. Comparative study.

¹ Graduada em Letras - Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Mestranda em Letras, na linha de Estudos Teóricos e Críticos em Literatura, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa TECER - Estudos de Tradução, Discurso e Ensino (UEMA) e VERSA - Tradução Literária: História, crítica e experiências (CNPq). Membro do GELMA - Grupo de Estudos em Literatura Maranhense (UFMA). Atualmente, é colunista da Revista Sucuru (PB) e editora da Sociedade Carolina (DF). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: a representação simbólica do espelho; a relação entre literatura e filosofia, narrativas contemporâneas e literatura comparada. E-mail: gabriela.1668@gmail.com

² Jeanne Sousa da Silva: Graduada em Letras pela Faculdade Santa Fé (2004), especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Maranhão, Mestre pela Universidade Estadual do Piauí, e doutoranda em Educação pela Universidade Lusófona de Tecnologias e Humanidades, em Lisboa – Portugal. Atualmente é professora da Universidade Estadual do Maranhão e da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão, bem como é coordenadora do Grupo de Pesquisa: TECER – Estudos de Tradução, Discurso e Ensino (UEMA). E-mail: jeanness01@gmail.com

Introdução

A literatura que se volta para a cultura de um povo traz consigo reflexos de suas raízes e tradições. Ao longo dos séculos, essa literatura carrega consigo uma série de memórias, conhecimentos e horizontes de reflexão sobre a realidade, podendo assumir um caráter documental e/ou de denúncia às mazelas sociais, a fim de transformá-las, na medida em que “percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciaram, mas que a ficção reconhece em seus detalhes” (COMPAGNON, 2009, p.50). Nesse sentido, dentre as diversas áreas do conhecimento científico, que têm a cidade como objeto de investigação, destaca-se a Literatura.

Foi com o advento da modernidade que a cidade alcançou um patamar de destaque, de tal modo que modernidade e experiência urbana chegam a ser considerados termos correlatos, e, porque não dizer, sinônimos. Nesse contexto, encontra-se o livro *Os telhados* (1999), de José Chagas, no qual se tem o desenho de uma cidade vista de cima – que destaca os telhados, o traçado das ruas, e os detalhes da urbe observados por um olhar estrangeiro, que ora se encanta com a paisagem, ora se assombra com o abandono e o descaso sofridos por ela. Por outro lado, no poema *Litania da velha* (1995), de Arlete Nogueira, encontramos uma

relação orgânica entre ser e cidade [que] exhibe restos e ruínas. O interessante é que, em determinados momentos do poema, não sabemos de que/quem se trata: se o do ser ou da cidade, tamanha a especularidade que há entre/na constituição de ambos. Velha e cidade tematizam vida e morte, o corpus e a sua falência (FURTADO, 2002, p. 123).

Afinal, apesar de se tratarem de dois poetas, com olhares e memórias diferentes, por que a literatura se interessa tanto em desvendar os labirintos urbanos, em fazer da representação da cidade um tema sempre presente? Logo, com o intuito de investigar essas e outras questões o presente artigo tem como objetivo propor um diálogo entre as obras poéticas *Os telhados* (1999), de José Chagas e *Litania da velha* (1995), de Arlete Nogueira, a fim de investigar a intrínseca relação existente entre cidade e memória, tal como foram representadas nesses textos. Para tanto, iremos transitar por várias esferas do conhecimento científico, tais como Teoria Literária, Crítica Literária, Sociologia, História e Filosofia, além do recurso à fortuna crítica que já se formou em torno do tema das cidades e sua representação literária. Por isso,

utilizaremos como aporte teórico os estudos de Ferreira (2004); Rolnik (1995); Santos (2011); Furtado (2002), dentre outros.

Este trabalho será subdividido da seguinte maneira: inicialmente, investigaremos a representação da experiência urbana na literatura; em seguida, faremos um breve panorama sobre a intrínseca relação existente entre cidade e memória; e, por fim, procederemos à leitura dos poemas *Os telhados* (1999), de José Chagas e *Litania da velha* (1995), de Arlete Nogueira, a fim de estabelecer aproximações e/ou distanciamentos no trato da relação urbano x humano na representação literária. Vale ressaltar que essa pesquisa foi desenvolvida em colaboração com o Grupo de pesquisa TECER – Estudos de Tradução, Discurso e Ensino (UEMA), e, é fruto do projeto de iniciação científica intitulado “Traços da experiência urbana nos versos de José Chagas”³, financiado pela FAPEMA.

Reflexos da Cidade na Literatura

Das antigas civilizações até a metrópole contemporânea de que modo surgiram e se transformaram as primeiras cidades? Essa longa história é narrada, em parte, pela própria urbe. Graças ao legado deixado por nossos ancestrais, por intermédio de grandes obras arquitetônicas, podemos desvendar os primeiros sinais de existência da cidade. Dessa maneira, “além de continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história” (ROLNIK, 1995, p. 9). Uma das características mais marcantes da vida urbana, sobretudo, na atualidade, é o caráter segregante que ela carrega pois, é

como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. É a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos da cidade chamam de segregação espacial (ROLNIK, 1995, p. 40-41).

Dessa maneira, ao versar sobre a cidade contemporânea estamos nos ocupando de um meio complexo, de uma cidade partida (VENTURA, 1994), permeada por desigualdades. Os abismos entre as classes sociais são tão profundos a ponto de existirem dois mundos, dentro de uma mesma cidade, o mundo dos ricos e o mundo dos pobres. Enquanto o primeiro trata-se de um espaço munido com os melhores e

³ Projeto de pesquisa – Edital N° 15/2020 – PPG/UEMA – PIBIC (CNPQ/FAPEMA/UEMA).

mais modernos serviços públicos, o segundo é um lugar negligenciado pelo Estado, rico apenas em mazelas, escassez e violência.

A cidade enquanto escrita é fruto da concepção do indivíduo que lê o espaço urbano a partir de seus traços físicos, culturais e mitológicos. Dessa maneira, na tentativa de encontrar sentidos, o sujeito compreende a cidade como convergência de aspectos simbólicos e materiais, mas também como palco de transformações. Portanto, ao escrevermos a cidade estamos, coincidentemente, lendo-a; assim como tecendo uma figura para essa volúvel realidade. Assim, desenhar “seus sentidos múltiplos e suas múltiplas vozes e grafias é uma operação poética que procura apreender a escrita da cidade e a cidade como escrita, num jogo aberto à complexidade” (GOMES, 1997, p. 179). Destarte,

sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto. O escritor, como espectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores (PESAVENTO, 2007, p. 09).

O século de afirmação do urbano é, por primazia, o século XX, no qual se perderam os referenciais da cidade idealizada – utópica e plena – e holística da experiência urbana. No decurso desse século, as massas deslocaram-se para as cidades, e lutaram pelo direito à cidade (LEFEBVRE, 2001), em outros termos, o direito a ter direitos na cidade. Na atualidade, a cidade (esparsa, segmentada, desprovida de horizontes de altas expectativas) exige leituras que concebam os traços babélicos que a urbe traz consigo. Nesse sentido, a literatura contemporânea, enquanto fruto desse tempo bombardeado por tensões e crises de identidade, representa o cenário urbano em toda a sua diversidade e subtração de certezas.

A experiência urbana é traduzida, por meio da literatura, sob um olhar plural, como um fenômeno caótico, implacável, multifacetado, mas também contestador de subjetividade. A reflexão sobre a literatura contemporânea, implica, necessariamente, no estudo sobre a figuração do espaço – majoritariamente, o urbano – acerca dos embates que os sujeitos empreendem diante do lugar no qual vivem/transitam e elaboram suas frágeis construções identitárias.

Nos últimos anos, o universo urbano tem assumido o protagonismo nas obras de inúmeros escritores, uma vez que a cidade é um reflexo da vida contemporânea em toda a sua complexidade, permeada por diversidade, tensões e

incomunicabilidade. Sendo assim, a cidade impõe, por seus espaços, a emergência de novas subjetividades, fundamentadas, via de regra, na urgência de ser/viver entre as muitas negativas que são anunciadas, continuamente, aos sujeitos deslocados que nela habitam.

O brilho que a literatura incide sobre o cenário urbano, ora compromete-se com um efeito de visibilidade total, ora revela os segredos mais obscuros da cidade, seu aspecto mais obscuro, compreendido neste ponto como “aquilo que entra em cena de forma transgressiva, provocando a imaginação e a pudicácia do escritor e do leitor” (PURCENO, 2010, p.64). A ficção contemporânea, com o intuito de representar o cenário urbano sobrecarregado de sentido, tem se dedicado, na maioria das vezes, aos temas relacionados à cidade, dentre eles: as diversas formas de violência atreladas à cultura do medo; a relação espaço-tempo nos percursos narrativos de personagens em trânsito e oprimidos em suas marcas de subjetivação (etnia, classe social, gênero, idade, orientação sexual); a contracultura e suas relações com a experiência urbana.

A escrita contemporânea, portanto, tem se dedicado a proporcionar modos de conhecimento da realidade atual, maneiras de ordenar o que, por natureza, é desordem e caos, no instante em que retrata cenas, acontecimentos e sensações que vivenciamos ou nos relatos de episódios (insólitos, cruéis ou banais) que integram a nossa experiência urbana. Ademais literatura brasileira contemporânea encontra-se em um labirinto de possibilidades, dentre as quais sobressaem-se no constructo poético e ficcional, textos que, em sua maioria, se ambientam no universo urbano. Após esse breve panorama sobre a história da cidade e sua representação literária, que se mostrou pertinente para a compreensão do cenário urbano enquanto objeto de estudo de várias áreas do conhecimento científico, será apresentada, a seguir, a intrínseca relação entre cidade e memória.

A Cidade como lugar de Memórias

Partindo do pressuposto que “estudar a cidade é uma tentativa de compreender um fenômeno complexo que, na maior parte das vezes, acaba escapando para o ideológico, o folclórico e o mito” (GLEZER, 2007, p.25), existem múltiplas possibilidades de investigação da cidade, por se tratar de um tema interdisciplinar. Tomando a literatura como exemplo, encontramos diversos tratamentos dados ao urbano, seja de atração, seja de repulsa, através de questões como: solidão, crises

sócio-históricas – ocasionadas por questões políticas e/ou de saúde pública, como é o caso das epidemias/pandemias –, o aumento dos índices de criminalidade, violência e marginalidade, entre outras importantes temáticas que são versadas em nossa literatura atual; dentre as quais destacamos o estreito vínculo entre o espaço urbano e a memória, uma vez que a

cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em lugar, ou seja, portador de um significado e de uma memória (PESAVENTO, 2007, p.14-15).

O “conceito de memória é importante, pois permite analisar as representações produzidas como resultado de uma experiência concreta e de desejos existentes sobre um determinado espaço geográfico” (ARRUDA, 2000, p. 41). Dessa maneira, tudo que nos cerca, incluindo os objetos, pessoas e, até mesmo o espaço no qual esses elementos estão inseridos, atuam como ativadores do processo permanente de reconstrução/reafirmção da identidade e, conseqüentemente, da memória.

Sendo assim, é notória a relação existente entre a construção identitária e o ato de acionar memórias, visto que rememorar pode tanto assegurar o exercício de orientações espaciais/existenciais, isto é subjetivas; quanto buscar parâmetros, relembrando acontecimentos particulares ou coletivos que tiveram aquele mesmo espaço como cenário, confirmando o sentimento de pertencimento a algo maior, a um espaço-tempo histórico e cultural. Dessa forma, o nosso vínculo com a cidade é, portanto, orientado por memórias individuais e coletivas.

Em vista disso, a medida em que atuamos sobre o espaço, ele atua da mesma forma sobre nós, tal qual o reflexo de um espelho. E é a essa ação mútua que se deve a constituição da memória. A cidade é pois, não somente um inventário de práticas sociais, mas também de memórias coletivas, por isso, o espaço urbano ganha o patamar de armazenador de informações, sendo responsável pela transmissão de conhecimentos e experiências para as gerações vindouras. Então, a

memória coletiva é, deste modo, um meio fundamental da vida social, uma das dimensões da ação coletiva e um veículo de poder. Poder, por exemplo, de transmitir ou perenizar uma memória de si, ou de propor ou impor uma dada memória à coletividade; poder de criar, refazer ou destruir identidades sociais, de dar sentido, corpo e eficácia aos atos coletivos. O ato da memória é um ato de poder e o campo da memória, o espaço onde atuam seus lugares, é um campo de conflitos (GUARINELLO, 1995, p. 189).

Desse modo, a cidade deve ser compreendida como a materialização da vida coletiva, uma vez que no meio urbano estão consolidados “os conflitos e os consensos, porquanto os pensamentos, através das ações humanas, dão forma à cidade, se materializando nas construções e no modo de viver da sociedade. Desta maneira, visualizamos também a cidade enquanto história materializada” (GUEDES JÚNIOR, 2011, p. 8). Assim, notamos a complexidade do espaço urbano, por se tratar não somente de um repositório e transmissor de informações, mas também de uma materialização da história e, conseqüentemente, da memória coletiva.

Entretanto, vale ressaltar que a “memória não se resume em um conjunto de lembranças sobre determinado fato ou espaço, mas constitui-se mesmo num processo de luta em torno do que deve ou será guardado” (ARRUDA, 2000, p.41). E, essa é, sem dúvida, uma importante reflexão, devido à seleção acurada de acontecimentos e perspectivas que se tem sido evidenciadas ao longo do tempo, já que a história tende a nunca ser contada pelos vencidos. Isso porque, de acordo com Ferreira (2004, p. 45),

As narrativas historiográficas são construídas a partir de uma criteriosa filtragem das memórias: a história oficial recolhe das memórias o que elege enquanto fato histórico rememorando pessoas, lugares e fatos que conotam felicidade, orgulho, ocultando o desagradável, o vergonhoso, o doloroso. E assim se inventam as histórias do mesmo, soterrando-se o outro no esquecimento.

Diante disso, devemos estar atentos às tramas da memória coletiva, observando, cuidadosamente, os espaços e indivíduos fragilizados e abandonados à própria sorte, pois suas vozes foram silenciadas pela sociedade dominante. Então, ao falar de cidade estamos nos ocupando da materialização da memória coletiva, de um ponto de referência para a sociedade mas, sobretudo, de um lugar no qual passado, presente e futuro convergem em lembranças, esperanças e anseios. De tal modo, o espaço urbano ganha múltiplas formas de representação, porque os

registros que os artistas da palavra fazem da cidade resultam das leituras que dela fazem, consubstanciadas com suas subjetividades, cujas singularidades dependem do tipo de relação que estabelece com os espaços. Suas cidades construídas com linguagem são feitas de permanências e rupturas inscritas na própria cidade: de conquistas que se exibem em monumentos, de culturas diversas que se intercambiam, da memória inscrita em seus ângulos, em fachadas de prédios, calçamentos, esquinas, becos, ruas, ladeiras... A cidade também é feita de relatos, de experiências, da banalidade cotidiana, tudo

composto em fragmentos dispersos por suas páginas. Enquanto registro apresenta-se em letras suntuosas que invariavelmente vão ao encontro dos passantes ou em borrões, rasuras que exigem deciframentos (SANTOS, 2013, p. 67).

Portanto, na literatura ambientada no espaço urbano, encontramos muito mais que uma simples edificação alicerçada em concreto e sim um resultado das memórias e práticas sociais, isso porque o “texto-cidade, visto por esse prisma, ultrapassa a condição de mera estrutura em pedra e cal, cujo sentido recai sobre si mesma, para adquirir valor que se confirma pela medida dos acontecimentos e pela trama das relações humanas” (SANTOS, 2013, p. 67). Após essa breve contextualização sobre a interdependência entre cidade e memória, serão analisados, a seguir, os textos poéticos *Os telhados* (1999), de José Chagas e *Litania da velha* (1995), de Arlete Nogueira.

Entre Versos e Memórias

Inicialmente, vale salientar que a análise literária está sujeita a um importante fator: a subjetividade. Logo, acerca de um único texto, seja em verso ou em prosa, podem ser tecidos diversos olhares e perspectivas de investigação. Entretanto, apesar das diferenças, todas são possibilidades de interpretação, igualmente válidas. O mesmo pode ser dito acerca da representação da cidade na literatura, a partir da memória, visto que o

modo de rememorar a cidade depende da forma como o escritor é sensibilizado por lembranças de espaços de vivências particulares ou sociais. Depende, sobremaneira, do impacto das lembranças no ato da rememoração. De acordo com esse raciocínio, a cidade pode ser sentida sob duas perspectivas: na condição de integrante do lugar, numa relação de cumplicidade com os espaços de vivências e na condição de observador numa postura distanciada, cujo olhar interrogativo paira sobre marcas de vivências do Outro (SANTOS, 2013, p. 65).

Por isso, dentre a multiplicidade de representações da cidade e, conseqüentemente, de interpretações desses textos literários, intencionamos, nesse artigo, propor um diálogo entre as obras poéticas *Os telhados* (1999), de José Chagas e *Litania da velha* (1995), de Arlete Nogueira, a fim de investigar a intrínseca relação existente entre cidade e memória, tal como foram representadas nesses textos. O primeiro passo de nossa análise consiste na compreensão do contexto no qual os

referidos poemas foram escritos, assim, iremos voltar nossos olhares para a cidade de São Luís, capital do Maranhão, mais especificamente, para o seu Centro Histórico.

A fonte de toda a produção socioeconômica e cultural da cidade de São Luís, desde 1612, época de sua fundação, até o início do século XX, provinha dos bairros do Centro, Desterro e Praia Grande. Todavia, com o passar do tempo, a cidade se expandiu, o que ocasionou um deslocamento comercial e cultural do Centro Histórico para outros lugares. Outro fato que vale ser ressaltado trata-se do Projeto Reviver, implantado no final da década de 80, pelo Governo Estadual do Maranhão, cujo objetivo era

revitalizar e recuperar casarões do Centro Histórico. No entanto, o Projeto não obtinha recursos suficientes para recuperar todo o acervo e muitos casarões continuaram sofrendo o desgaste e a ação do tempo. Mesmo assim, passados dez anos, em 1997, o Centro Histórico de São Luís recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Muitos casarões foram recuperados e transformados em repartições públicas, mas as novas tintas não conseguiram colorir todos os sobrados e nem restaurar a dignidade daquele espaço, que continuou sendo morada dos excluídos (SILVA, 2016, p. 167).

Nesse “desenho que se forja a partir do centro histórico inúmeros traços das gentes e das pedras que lhe performam são subtraídos de um mosaico criteriosamente construído” (FERREIRA, 2004, p. 43). Nesse contexto, no livro *Os telhados* (1999), José Chagas pintou uma imagem da cidade de São Luís, mais especificamente do Centro Histórico da também conhecida cidade velha – separada da cidade nova pela ponte do São Francisco –, por isso, o poema tem como pano de fundo as ruínas remanescentes do que antes era uma cidade esplendorosa, bem como retrata o lamento e desconsolo do poeta, que se encontra indignado perante a atual situação do lugar, ressaltando a insalubridade e devastação dos restos da antiga cidade. Para tanto, Chagas lança mão de diversos recursos estilísticos que dão forma à sua poética. Assim, a cidade histórica é tomada pela construção metonímica dos telhados.

Outra obra que possui a cidade de São Luís como cenário é *Litania da velha* (1995), que de acordo com o próprio José Chagas, pode ser compreendido como um poema no qual “Arlete humaniza, ou melhor, personaliza magistralmente a cidade em sua decrepitude, pois que, de fato, esse envelhecimento está ligado visceralmente ao destino dos que a habitam, como uma fatal força aniquiladora até de nossas esperanças” (CHAGAS, apud CORREA, 1995, p. 01). É importante destacar ainda a

riqueza de significados que o título dessa obra contém, pois *litanias*, proveniente do termo latino *litaniae*, trata-se de um canto de lamentação. Além disso, notamos que a velha que entoava essa cantiga estabelece uma relação orgânica com a cidade arruinada, não sendo possível, por vezes, distingui-las.

Dessa maneira, observamos as primeiras semelhanças entre os referidos textos poéticos, visto que ambos tematizam as ruínas da antiga cidade histórica de São Luís, com angústia e pesar, a partir das seguintes analogias: a cidade representada metonimicamente pelos telhados e a sua aproximação com a figura da velha, retratando o espaço urbano em toda a sua fragilidade e restos deixados pelo tempo, tal como demonstram os versos a seguir: “trezentos anos sobre uma cidade / pesam trezentas chuvas incessantes / [...] trezentos anos deitam-se nas calhas / onde morreram naturezas falhas / e rolam cursos de afogados rios” (CHAGAS, 1999, p.17) e “A velha projeta a agonia no ocaso do coração combalido. / A dor centenária aflora na multidão dos tristes fantasmas. / [...] A antiga cidade é uma ilha que se desfaz em salitre.” (CRUZ, 1995, p. 21).

A partir desses recortes, podemos notar que essas obras carregam consigo semelhanças tanto no que diz respeito aos cenários descritos – ambientes sujos e sombrios, arruinados pela ferocidade do tempo, que denotam a condição precária em que vivem as pessoas que ali trabalham/transitam – bem como no que se refere à escolha vocabular, como, por exemplo, a alusão a idade centenária da cidade, para enfatizar o estado de abandono em se encontravam/encontram as ruas e casarões do Centro Histórico de São Luís, nas duas obras analisadas. O segundo aspecto de similitude encontrado nos poemas de José Chagas e Arlete Nogueira refere-se à recorrente alusão ao tempo, que se projeta em ternas memórias de um passado, que não existe mais, e em desesperança quanto ao futuro da cidade-velha, conforme observamos nos versos a seguir:

meus pés e sua humildade descalça
e o seu conformar-se com o último degrau
das escadas que me põem à janela
à janela que dá para as tuas mil dimensões
para teus horizontes de revividos passados (CHAGAS, 1999, p. 26)

A rua, de novo, é caminho que a leva para a passagem das horas.
Os anos na corcunda lhe duram e doem como pesados fardos.
A atenção, entre as pedras, ignora a manhã que cresce sem ela.
A velha segue contrita o percurso que perfaz com fiel devoção. (CRUZ, 1995, p. 12)

De acordo com os trechos supracitados, notamos outra semelhança entre os livros: a devoção pelo espaço, tornando o solo sagrado, como é possível observar através das expressões “humildade descalça” e “fiel devoção”, respectivamente, mas também, a saudade do passado, que a todo tempo é lembrado, em toda a sua glória e, sobretudo, é enfatizado, nos dois poemas, que a situação atual da cidade-velha não passa de um pagamento do alto preço do progresso, tal como fica evidente em “conformar-se com o último degrau” e “manhã que cresce sem ela”, uma vez que tanto último degrau, quanto a manhã que cresce independente a presença da velha, denotam o conformismo com a degradação física e social – resultando em poluição, violência e marginalidade – ocasionada pelo progresso.

A terceira similaridade identificada nas obras *Os telhados* (1999) e *Litania da velha* (1995) concerne ao tom de desalento dos poetas frente ao abandono da cidade antiga, através da repetição de sentimentos decadentes, tais como solidão, silêncio, tristeza e dor, como demonstram as passagens a seguir:

a sombra existe
depois da existência
mas (só) eu olho triste
sua persistência (CHAGAS, 1999, p. 15)

O tempo consome o silêncio e mastiga vagaroso a feroz injustiça.
O campo se perde embebido em jenipapos para a manhã sufocada.
Os bois da infância ruminam sua paciência e espreitam essa audácia.
- O tempo dói na ferida aberta da recordação. (CRUZ, 1995, p. 08)

Entretanto, é evidente, nos excertos analisados, que esses sentimentos decadentes são experimentados por diferentes indivíduos. Enquanto no primeiro trecho temos o sofrimento e solidão do poeta frente à destruição do seu tão estimado Centro Histórico, no segundo temos a voz personificada da própria cidade-velha, que vaga triste, em silêncio, abandonada pela população e entregue aos seus devaneios e memórias saudosas. No entanto, as duas obras, ao seu modo, trazem à tona tais sentimentos, a fim de retratar a dor sentida pelo próprio espaço, personificado em uma velha, e pelos seus habitantes remanescentes, excluídos socialmente. O quarto aspecto de similaridade encontrado nos poemas de José Chagas e Arlete Nogueira refere-se à sujeira que inunda a antiga cidade, conforme observamos nos versos a seguir:

aqui se avalia a miséria do homem.

um rato é maior em seu teto. o que
nele róí, róí a si mesmo, e o pó
de seus dentes condiciona o mundo. (CHAGAS, 1999, p. 43)

As casas, à sua passagem, são cáries de dentes chorando o seu flúor.
Os buracos se espalham no chão como lagos avulsos de águas toldadas.
A criança brinca no esgoto que escoo também o seu sonho pequeno.
O cachorro, perdido, caminha o desvio de seu abandono. (CRUZ, 1995, p. 10)

De acordo com os trechos supracitados, notamos outra semelhança entre os textos, a presença de elementos que denotam a poluição do espaço urbano, tais como esgoto e ratos, que ocasionam a ruína da cidade representada pela palavra pó. Enquanto o primeiro conjunto de versos traz a comparação do homem com o rato, destacando a miséria do lugar, bem como o desvio de caráter humano que destrói e torna tudo em pó que “condiciona o mundo”, isto é, o faz girar a roda do progresso; o segundo, enfatiza a decrepitude das ruas e moradias, inundadas pelo esgoto e soterradas pelos buracos, mas também a analogia da criança com um cachorro perdido, notabilizando a falta de perspectiva do(a) menino(a), que possui um “sonho pequeno”, o que pode denotar a desesperança frente ao futuro, ou, até mesmo, a curta expectativa de vida em uma situação tão miserável. Enfim, ressaltamos as diferenças encontradas nos poemas de Chagas e Nogueira, conforme observamos nos fragmentos a seguir:

os caminhos do tempo aqui se anulam. os
dias se curvam. e o que é dia é noite que
não tarda. e o que é noite desliza fácil
numa aurora em lâmina. cai. (CHAGAS, 1999, p. 18)

O braço se estende implorando a moeda de pouca valia.
As mãos tateantes recebem a esmola atirada com desprezo.
A precisão avalia e guarda com zelo a oferenda do dia.
O bolso da saia é o saco que abriga a redenção do passeio.
A arrogância dos homens espreita e apressa a gentil despedida.
A piedade é injúria que a velha acata com a gratidão de quem deve. (CRUZ, 1995, p. 15)

De acordo com Ferreira (2004, p. 44), as “lembranças são, portanto, construídas a partir de uma superposição de temporalidades; presente e passado se entrelaçam na memória”. Desse modo, se por um lado, *Os telhados* (1999) parte de um lamento do poeta, que encontra-se perdido em memórias e reflexões, preso nas areias do passado, imerso em saudades infindas, conforme podemos observar nos versos “viajo um regresso / de nunca chegar” (CHAGAS, 1999, p. 36), pois segundo

o eu-poético o tempo parou, por isso, ele está completamente desamparado no silêncio das ruínas. Por outro, em *Litania da velha* (1995), Arlete Nogueira, com seu olhar cinematográfico, põe em evidência, como uma forma de denúncia, as diversas mazelas sociais – tais como a mendicância, a miséria, a insalubridade e os mais numerosos perigos –, que os habitantes remanescentes das ruínas encaram dia após dia, e, por fim, declara a morte da cidade-velha.

Considerações Finais

A grande cidade é objeto de investigação de diversas áreas do conhecimento, dentre as quais se sobrepõe a Literatura. Dessa maneira, a cidade enquanto escrita é fruto da concepção do indivíduo que lê o espaço urbano a partir de seus traços físicos, culturais e mitológicos. A cidade em toda a sua complexidade exige leituras que concebam os traços babélicos que a urbe traz consigo. Nesse sentido, o principal objetivo deste artigo foi propor um diálogo entre as obras poéticas *Os telhados* (1999), de José Chagas, e *Litania da velha* (1995), de Arlete Nogueira, a fim de investigar a intrínseca relação existente entre cidade e memória, tal como foram representadas nesses textos, isso porque na literatura ambientada no espaço urbano, encontramos muito mais que uma simples edificação alicerçada em concreto, e, sim um resultado das memórias e práticas sociais.

Ao longo de nossas análises, observamos que apesar de se tratarem de dois poetas, com olhares, memórias e leituras únicas sobre o espaço urbano, essas obras carregam consigo semelhanças tanto no que diz respeito aos cenários descritos – ambientes sujos e sombrios, arruinados pela ferocidade do tempo, que denotam a condição precária em que vivem as pessoas que ali trabalham/transitam – bem como no que se refere à escolha vocabular, como, por exemplo, a alusão a idade centenária da cidade, para enfatizar o estado de abandono, decrepitude e descaso em se encontravam/encontram as ruas de cantaria e os casarões da cidade-velha, nas duas obras analisadas.

Portanto, podemos apontar, à guisa de uma prévia conclusão, que essas obras resgatam importantes memórias da riqueza cultural e patrimonial presente no Centro Histórico de São Luís, mas também reflexões sobre o atual estado de agonia e abandono, no qual a nossa cidade se encontra, ressaltando as ruínas e a situação miserável de seus moradores remanescentes, que mendigam a esperança do amanhã e esperam, conformados, o destino já entoado na cantiga de Arlete: a queda/ morte

da Velha cidade. Entretanto, é importante enfatizar que “a leitura, por si só, não resolve os problemas sociais e/ou individuais, mas ter opções, compreender as situações é menos amargo que ser levado, sem noção do que se passa à sua volta” (YUNES, 2009, p. 58), à vista disso, a leitura dos poemas *Os telhados* (1999), de José Chagas, e *Litania da velha* (1995), de Arlete Nogueira, se impõe como fundamentais, pois trazem um despertar aos leitores.

Referências

- ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre história e a memória*. Bauru: Edusc, 2000.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. MELO, Bárbara Olímpia Ramos de. SOUSA, Raimundo Isídio de (Organizadores). *Literatura, contemporaneidade e ensino*. São Paulo: Editora Max Limonad, 2016.
- CHAGAS, José. *Os telhados*. São Luís: Editora AML, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CORREA, Dinacy Mendonça (orientadora); CRUZ, Maria da Graça S N da. (orientanda). *Litania da velha – uma viagem de leitura com Arlete Nogueira*. Monografia TCC de Letras. São Luís: EDUEMA, 1998.
- CRUZ, Arlete Nogueira da. *Litania da velha*. São Paulo: Digital Gráfica, 1995.
- FERREIRA, Márcia Milena Galdez. A litania da velha na nova/velha São Luís. In: *Caderno Pós Ciências Sociais*. São Luís, v.1, n.1, jan. / jul. 2004.
- FURTADO, Maria Sílvia Antunes. *O decadentismo e a Litania da velha: uma leitura a partir da psicanálise*. São Luís: [s.n.], 2002.
- GLEZER, Raquel. *Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2007.
- GOMES, Renato Cordeiro. Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura. In: *Semear: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 179-188, 1997. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/1Sem_12.html>. Acesso em: 20/06/2020.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. In: *Revista Brasileira de História*, n. 28, p. 180-193, 1995.
- GUEDES JÚNIOR, Antonio Fernando Cordeiro. Entre o tempo e o espaço: cidade e memória social. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 11-23, 2007.

PURCENO, S. Ensaio de leitura. In: PÉCORA et al, A. *Porque ler Hilda Hilst*. São Paulo: Editora Globo, 2010.

_____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. *Literatura e memória entre os labirintos da cidade: representações na poética de Ferreira Gullar E H. Dobal*. 2011. 182 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.